

CONTRIBUIÇÕES DA LEITURA PARA OS ANOS INICIAIS : LER É O MELHOR CAMINHO

CONTRIBUTIONS FROM READING TO EARLY YEARS: READING IS THE BEST WAY

Érica Monteiro Mendes,
Maria Júlia B. de Holanda

RESUMO

A leitura nos anos iniciais compreende um processo no qual a alfabetização e o letramento se inter-relacionam, visto que faz todo sentido ler compreendendo, interpretando e aplicando essa capacidade com visão crítica e social. O objetivo desta pesquisa é analisar as contribuições da leitura no processo de alfabetização e letramento. Para tanto, a metodologia aplicada caracteriza-se como qualitativa, com revisão bibliográfica e pesquisa de campo por meio de um questionário aberto. Os resultados desta pesquisa mostraram que professores de alunos dos anos iniciais trabalham atividades relacionadas à leitura e letramento por meio de estratégias diversificadas tais como, perguntas implícitas sobre o gênero literário, a ideia do autor, lições possíveis de dedução dos textos entre outras.

Palavras-Chave: leitura; Anos iniciais; Alfabetização; Letramento.

ABSTRACT

Reading in the early years comprises a process in which literacy and literacy interrelate, since it makes perfect sense to read by understanding, interpreting and applying this ability with a critical and social vision. The objective of this research is to analyze the contributions of reading in the process of literacy and literacy. Therefore, the applied methodology is characterized as qualitative, with literature review and field research through an open questionnaire. The results of this research showed that teachers of students of early years work activities related to reading and literacy through diversified strategies such as implicit questions about the literary genre, the author's idea, and possible lessons of text deduction among others.

Keywords: Reading; Initial Years; Literacy; Literacy.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa sobre as “Contribuições da Leitura para os Anos Iniciais: Ler é o melhor caminho”, tem como objeto de estudo a leitura como ferramenta fundamental dentro do processo de alfabetização e letramento, possibilitando, assim, o desenvolvimento da criança. Expandindo seu vocabulário, ampliando sua visão de mundo, criatividade e capacidade de compreensão e interpretação de textos.

Para tanto, foi necessário investigar o seguinte problema: Quais as contribuições da leitura dentro do processo de alfabetização e letramento nos anos iniciais? Logo, para a resolução de tal questão foi preciso seguir os seguintes

objetivos: Geral - Analisar as contribuições da leitura dentro do processo de alfabetização e letramento. E os específicos: conceituar alfabetização e letramento nos anos iniciais bem como apresentar a leitura como fonte de aprendizagem; identificar as práticas de letramento para os anos iniciais; investigar as estratégias adotadas na escola para o incentivo da leitura durante o processo de alfabetização e letramento.

Com isso, a importância desta pesquisa se reflete na necessidade de se contribuir para o hábito da leitura das crianças nos anos iniciais, visto que o mesmo possibilita o desenvolvimento integral dos educandos e formação de futuros leitores, como também a colaboração com o meio científico e social.

A pesquisa foi realizada na Região Administrativa de Samambaia Norte, que possui uma população de 254,4 mil habitantes. A região que envolve as cercanias da escola apresenta, em sua maioria, pessoas de baixa renda. Quanto à escola CAIC Helena Reis, que colabora com a comunidade desde 04/08/1993, possui um total de 37 professores onde 10 participaram da pesquisa respondendo ao questionário.

Entretanto, para a construção deste trabalho, foram considerados os seguintes procedimentos metodológicos. A natureza da pesquisa foi o resumo de assunto feito a partir de levantamento bibliográfico, documental e uso do questionário. A abordagem deste trabalho foi de cunho qualitativo exploratório.

Falou-se do contexto histórico do código linguístico, bem como do conceito de alfabetização e os níveis psicogenéticos da escrita. Também foi abordado a importância do incentivo da leitura para a formação de futuros leitores. Falou-se ainda sobre as práticas de letramento nos anos iniciais – está relacionado com atividades concretas que, por sua vez, não envolvem apenas o ato de ler e escrever, mas seu uso social. E abordou-se a contribuição da leitura nos anos iniciais, bem como as estratégias utilizadas pelo professor para leitura na alfabetização e letramento das crianças.

CONCEITUANDO ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NOS ANOS INICIAIS

O sistema alfabético contemporâneo é o legado de diversas culturas que encontraram uma forma de registrar sua história, crenças e valores, primeiro por meio dos desenhos denominados como pictogramas. E assim, com o passar dos séculos, o processo de escrita foi se desenvolvendo: passou pelos ideogramas e chegou ao alfabeto fenício, que originou todos os alfabetos existentes. Segundo Cagliari (2002),

[...] A história da escrita vista no seu conjunto, sem seguir uma linha de evolução cronológica de nenhum sistema especificamente, pode ser caracterizada como tendo três fases distintas: a pictórica, a ideográfica e a alfabética [...] (CAGLIARI, 2002, p. 106).

Na história da escrita, as letras originaram-se a partir dos ideogramas, que acabaram perdendo seu valor ideográfico e passaram a possuir valor fonográfico.

Logo depois, surgiram os silabários, esses eram a união de sinais que representavam uma sílaba. Os gregos então, ajustaram o modelo de escrita fenícia acrescentando vogais e consoantes surgindo, assim, a escrita alfabética, que, posteriormente, foi adaptada novamente pelos romanos e originou o sistema alfabético atual. Segundo Cagliari (2002, p.110), “[...] a escrita grega foi adaptada pelos romanos, e esta forma modificada constituiu o sistema alfabético greco-latino, de onde provém nosso alfabeto [...]”. Com base no sistema alfabético, que passou por tantas mudanças até a contemporaneidade, é que a maioria dos povos é alfabetizada.

Mas, afinal, o que é alfabetização? A alfabetização é um processo sistemático, que possibilita à aquisição do sistema alfabético de escrita e código linguístico. Para Morais e Albuquerque (2007, p. 15), a alfabetização é o “[...] processo de aquisição da ‘tecnologia da escrita’, isto é, do conjunto de técnicas-procedimentos habilidades necessárias para a prática de leitura e escrita [...]”. Através dela, o alfabetizando pode assimilar, compreender, codificar e decodificar fonemas e grafemas e estabelecer relações entre o som e a letra.

Considerando o processo acima descrito, o ato de alfabetizar é algo extremamente complexo, isso porque a criança já domina a língua falada, mas ainda não compreende o sistema alfabético. Para Cagliari (2002, p. 17), “[...] qualquer criança que ingressa na escola, aprendeu a falar e entender a linguagem sem necessitar de treinamentos específicos [...]”. Nesse contexto, o processo de alfabetização deve considerar os eixos (fala, leitura e escrita) e, também, a metodologia que está sendo desenvolvida pelo professor para que se possa obter êxito dentro da prática de ensino e aprendizagem.

O professor como mediador dentro do processo de ensino em sala de aula, deve repensar a metodologia de alfabetização como sendo algo além de uma técnica. Para Ferreira (1996, p. 23), “[...] atualmente, muitos educadores definem o processo de alfabetização de forma equivocada, reduzindo-o a uma técnica [...]”. Antes, porém, faz sentido adaptar a metodologia às necessidades e à forma mais apropriada de aprendizagem do alfabetizando.

Apesar de a criança trazer, para a escola, uma bagagem cultural que favorece a aprendizagem, na educação infantil é trabalhada o sistema alfabético, bem como as habilidades necessárias para utilizá-lo, porquanto as experiências da criança não estão sistematizadas para a leitura convencional. Segundo Ferreira e Gomes (1987, p.102) “[...] A escrita existe inserida em múltiplos objetos físicos do ambiente que rodeia uma criança [...]”. O professor, como mediador nesse processo de ensino, utiliza metodologias e materiais pedagógicos tais como: histórias, livros, projetos culturais, desenhos e atividades em grupo que estimulam a interação social. Existem, pois, uma infinidade de meios e metodologias para que o aluno possa aprender, compreender e dominar o sistema alfabético.

A sociedade é essencialmente grafocêntrica, isso quer dizer que é centrada na escrita. É importante salientar que escrever e ler são expressões culturais de um determinado povo e de uma criação social. Portanto, para Ferreira e Gomes (1987, p.14) “[...] A língua escrita, de modo similar à língua oral, é uma invenção social. Quando uma sociedade necessita comunicar através do tempo e espaço e quanto necessita recordar sua herança de ideias e de conhecimentos, cria uma língua escrita [...]”. Logo, a escrita está presente não apenas dentro das salas de aula, mas

em shoppings, feiras, mercados, padarias ou nas ruas, ou seja, a escrita está em toda parte.

A propósito, em meados de 1980, surgiu a palavra letramento. Segundo Soares (2016, p.32), “[...] parece que a palavra letramento apareceu a primeira vez no livro de Mary Kato: No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística, de 1986 [...]”. Uma nova questão surge agora: o que é letramento? Como afirma Soares (2016, p. 47) “[...] LETRAMENTO: estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita [...]”. Logo, ser letrado não significa apenas saber codificar e decodificar ou apenas ler e escrever, pois requer exercitar as práticas sociais que envolvem a leitura e a escrita.

Ficou claro que o processo de letramento não se restringe apenas a um conjunto de habilidades. Todavia este requer compreensão sobre aquilo que se lê, bem como o uso da leitura nas esferas sociais, econômicas e culturais. Neste ponto Soares afirma (1998, p. 20) que “[...] não basta apenas saber ler e escrever, é preciso saber fazer uso do ler e do escrever, saber responder às exigências de leitura e de escrita que a sociedade faz continuamente [...]”.

No contexto da alfabetização e letramento, Emília Ferreiro e Ana Teberosky iniciaram suas pesquisas a partir do princípio da teoria piagetiana, qual seja: a gênese do conhecimento. Segundo Ferreiro e Teberosky (1985, p. 260) “[...] guiados pela hipótese que todos conhecimentos supõem uma gênese, nos preocupamos em averiguar quais são as formas iniciais de conhecimento da língua escrita [...]”. Partindo do pressuposto acima, através de um estudo clínico-experimental realizado com 108 crianças de faixas etárias diferentes, as autoras criaram sua obra denominada Psicogênese da Língua Escrita. Através de seus estudos, ambas queriam compreender como as crianças aprendem a ler e escrever, bem como qual papel da criança nesse processo de aprendizagem.

PRÁTICAS DE LETRAMENTO PARA OS ANOS INICIAIS

No atual cenário da educação brasileira, os alunos do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental têm apresentado dificuldades nos processos de leitura e escrita, também evidenciado um crescente desinteresse pelo hábito da leitura nas séries posteriores. Esta que é a base para a formação dos indivíduos. Segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2016), a Avaliação Nacional de Alfabetização (ANA) relatou que 45% dos estudantes, no que diz respeito à leitura, possuem um nível de conhecimento insuficiente. Isto posto, esses educandos saem do 3º para o 4º e 5º anos com grandes dificuldades nos processos que envolvem a leitura.

Ainda que os documentos norteadores da educação brasileira assegurem e amparem os alunos, é preciso encarar o processo de aprendizagem como algo além de um sistema mecânico. A negligência nesse aspecto, transfere a responsabilidade do ensino e incentivo à leitura, ao professor de língua portuguesa. Para Kleiman e Moraes (1999, p.16) “o professor das outras matérias é mero informador e que não é responsável pelo ensino da leitura”. Ou seja, logo a leitura não é trabalhada com maior afinco em outras disciplinas, sendo que a mesma está interligada em todas as áreas do saber. Nesse seguimento, Kleiman e Moraes (1999, p.16) acrescentam que “Partimos da premissa que todo professor é formador e também professor de leitura”.

Cabe aqui, salientar, para uma maior compreensão, que a origem e significado etimológico da palavra letramento é a tradução da palavra inglesa *literacy*. Segundo Soares (2014, p.17), “a palavra *literacy* vem do latim *litera* (letra) [...] educado, especialmente capaz de ler e escrever”. Posteriormente, Soares (2014, p. 63) afirma: “acesso pleno às habilidades e práticas de leitura e escrita”. Isto posto, as práticas de letramento diferem das práticas de alfabetização, porém, ambas estão interligadas e devem convergir para o mesmo objetivo, qual seja: o desenvolvimento dos educandos nas habilidades e uso integral da leitura.

Logo, não basta saber codificar e decodificar, é preciso compreender o uso social da leitura e o que ela representa. Para Rojo (2009, p. 44), “[...] Para ler, por exemplo, não basta conhecer o alfabeto, decodificar letras e sons da fala. É preciso também compreender o que se lê [...]”. Nesta perspectiva, as práticas de letramento são atividades voltadas para o exercício social da leitura. Para Kleiman (1995, p.19), pode-se “[...] definir hoje o letramento como um conjunto de práticas que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos”. Posteriormente, Kleiman (1998, p. 181) afirma que se trata de “Práticas e eventos relacionados com uso, função e impacto social da escrita”.

Logo, as práticas de letramento em conjunto correspondem à base para a formação do sujeito leitor. Como, também, auxiliam em seu desenvolvimento nas outras áreas do conhecimento. Nesse sentido, os Parâmetros Nacionais Curriculares (BRASIL, 1999, p. 26) asseguram que “principalmente nos primeiros ciclos, centrar-se na atividade epilinguística, na reflexão sobre a língua em situações de produção e interpretação”, concorre para a formação de leitores proficientes.

CONTRIBUIÇÕES DA LEITURA PARA OS ANOS INICIAIS

O que é leitura? Segundo o dicionário Aurélio a leitura tem uma definição ampla e variada, como segue:

Primeiramente, o ato ou efeito de ler; em segundo é a arte ou hábito de ler; em terceiro é aquilo que se lê; em quarto é o que se lê, considerando em conjunto. E, por último, é a arte de decifrar e fixar um texto de um autor, segundo determinado critério (FERREIRA, 1988, p. 390).

Assim sendo, ler transcende o ato de decodificação de palavras. Para Freire (1994, p. 9) a “compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo”. E possui um sentido muito mais amplo que é a compreensão daquilo que o leitor está lendo.

Mas, como a criança é inserida no mundo da leitura? A sociedade ocidental é, fundamentalmente, grafocêntrica, ou seja, a mesma é centrada na escrita. Logo, desde muito cedo e antes de ingressarem na escola as crianças já têm contato com a leitura através de placas nas ruas, propagandas ou painéis publicitários. Para Freire (1994, p. 09) “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente”. Isto é, faz-se necessário

compreender que a leitura da palavra auxilia a criança na construção dos significados daquilo que ela lê, porquanto já tem experiências anteriores à leitura convencional.

Lamentável é que, em geral, somente quando a criança é matriculada e passa a frequentar a escola que de fato é inserida completamente no mundo da leitura, pois são trabalhadas as práticas de letramento e o uso da leitura nas mais variadas situações. Assim, este indivíduo tem a oportunidade de ler livros, gibis, poemas, contos e isto é um fator imprescindível para que a criança possa desenvolver o hábito e prazer no ato de ler. É importante salientar que, dentro desse contexto, o professor deve usar não somente a tecnologia, mas, também, novos e diferentes recursos no processo de aprendizagem. Para Rojo (2009), os tempos mudam e pedem novas estratégias de letramento.

No contexto de inovações, estudos acerca da leitura, no campo da neurociência, têm evidenciado os benefícios que a mesma trás para os seres humanos. No ato da leitura, seja esta de uma palavra, texto ou livro, o cérebro produz várias sinapses. Estas são “Conexão entre dois neurônios vizinhos, da qual há mais de um tipo, segundo as formações que fazem o contato entre essas células para que se propague o impulso nervoso de uma para outra” (FERREIRA, 1988, p.1857). Desse modo, o ato da leitura exercita várias regiões cerebrais, o que concorre para capacitar o leitor nas mais variadas habilidades cognitivas.

Os benefícios não param por aí, pois são inúmeros os cientificamente comprovados. Nas palavras de Kleiman e Moraes (1999, p.126), “A leitura tem sido chamada a atividade cognitiva por excelência, pelo fato de envolver todos os nossos processos mentais”. Isso fica claro, visto que a leitura possibilita, às crianças, aumento de vocabulário, melhor expressão das ideias, articulação adequada das palavras, ampliação da criatividade e imaginação, capacidade solução de situações-problema com maior desenvoltura, aquisição de conhecimento e desenvolvimento do senso crítico – o que é fundamental para a formação intelectual e social dos indivíduos.

A leitura é, portanto, uma fonte inesgotável de conhecimento que possibilita ao sujeito leitor estar sempre aprendendo coisas novas, viajar e conhecer o mundo e outras culturas sem sair do lugar. Logo, é o mais completo de todos os exercícios intelectuais. Através das leituras formam-se cidadãos críticos, independentes e participativos. De acordo com Lajolo (1996):

A leitura é, fundamentalmente, processo político. Aqueles que formam leitores – alfabetizadores, professores, bibliotecários – desempenham um papel político que poderá estar ou não comprometido com a transformação social, conforme estejam ou não conscientes da força de reprodução e, ao mesmo tempo, do espaço de contradição presentes nas condições sociais da leitura, e tenham ou não assumido a luta contra àquela e a ocupação deste como possibilidade de conscientização e questionamento da realidade em que o leitor se insere (LAJOLO, 1996, p. 28).

É preciso que a escola valorize cada vez mais a leitura porque por ela é possível desenvolver a criticidade, criatividade e compreensão em geral. Neste sentido, a leitura deve ser atividade prioritária e não feita em poucos minutos em momentos especiais (CAGLIARI, 2004, p.173). Muitas das dificuldades que os alunos enfrentam são decorrentes da falta da leitura, logo é fundamental que ela seja o eixo central no processo de ensino e aprendizagem.

PROFESSOR: ESTRATÉGIAS PARA LEITURA NA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Ao ler um texto, o sujeito leitor se depara com várias perguntas: qual ideia o autor deseja transmitir? Quais lições a narrativa apresentou? A qual gênero literário essa obra pertence? Entre outras. Ler e compreender os propósitos implícitos e explícitos em um texto exige habilidades e competências que são desenvolvidas por meio de estratégias de leitura. Para Solé (1998, p. 23) porque “A aprendizagem da leitura e de estratégias adequadas para compreender os textos requer uma intervenção explicitamente dirigida a essa aquisição”.

O desenvolvimento dessas estratégias acontece de forma progressiva, sendo o resultado de um trabalho constante em sala de aula que possibilita compreender e interpretar de maneira autônoma. Solé (1998, p. 23) adverte que “[...] o leitor é um sujeito ativo que processa o texto e lhe proporciona seus conhecimentos, experiências e esquemas prévios”. Nesse contexto, o sujeito leitor está em constante processo de construção de significados e usa seus conhecimentos prévios para extrair e deduzir informações sobre o texto. Por isso, as estratégias de leitura são imprescindíveis para a formação de futuros leitores. E sobre esta afirmativa, Solé corrobora:

As estratégias de leitura são procedimentos e os procedimentos são conteúdos de ensino, então é preciso ensinar estratégias para a compreensão dos textos. [...] no ensino elas não podem ser tratadas como técnicas precisas, receitas infalíveis ou habilidades específicas. [...] por isso, ao ensinar estratégias de compreensão leitora, entre os alunos deve predominar a construção e o uso de procedimentos de tipo geral, que possam ser transferidos sem maiores dificuldades para situações de leitura múltiplas e variadas (SOLE, 1998, p.70).

Usando as estratégias corretas, o leitor competente e autônomo é capaz de usar seus conhecimentos prévios para levantar hipóteses, tirar conclusões e fazer inferências em relação ao texto, é capaz de ler entre as linhas aquilo que não está escrito, são as ideias e mensagens que o autor transmitiu através daquela obra

Mas, de que maneira o professor pode trabalhar essas estratégias em sala e quais são elas? Segundo Duke e Pearson (2002), o professor pode trabalhar em sala seis tipos de estratégias. São elas:

- **Pensar em voz alta:** ao ler um texto, o professor pode solicitar que os discentes expressem seus pensamentos acerca do texto, em voz alta. A verbalização das palavras auxilia o discente na compreensão do texto;
- **A estrutura do texto:** ainda de acordo com Duke e Person (2002), ao analisar a estrutura do texto, os discentes podem notar as características que o compõem, usar a imaginação para vivenciar aquela história e também propor soluções referentes a trama;
- **A predição:** refere-se à antecipação ou levantamento de hipóteses guiadas pela capacidade cognitiva de escolher ideias e informações para já, antes do término do texto, fazer inferências acerca do mesmo;
- **A representação visual do texto:** ajuda os discentes a memorizar o texto e assimilar os acontecimentos, pois se trata de uma sequência de fatos;
- **O resumo:** é uma análise das principais ideias encontradas no texto de forma sintetizada;
- **O questionamento:** leva os discentes ao ato da reflexão através de perguntas; ele pode compreender melhor o texto e desenvolver sua percepção.

Essas estratégias básicas deixam claro o quão é importante levar as crianças ao ato da reflexão, e as estratégias de leitura os auxiliam de maneira significativa no processo de compreensão da história. Portanto, as estratégias de leitura precisam ser parte integrante da prática docente durante todos os momentos de leitura (SOLÉ, 1998).

É importante que o professor pense qual estratégia de leitura será mais adequada para cada turma ou segmento, bem como na seleção dos textos que vão ser trabalhados em sala, tais como os que trazem várias interpretações (SOLÉ, 1998). Assim, o professor pode propor uma roda de leitura e ir dialogando sobre as várias interpretações daquele texto, pois cada aluno tem uma interpretação diferente, o que é uma proposta interessante para desenvolver em sala de aula.

Faz sentido que a leitura seja a base da educação e formação dos cidadãos, pois perpassa todas as áreas do saber humano e é, fundamentalmente, um ato político que liberta os sujeitos da ignorância e alienação. Além do mais, possibilita o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social. Sua importância e relevância são, indiscutivelmente, essências para a educação e sociedade. Sob esse ponto de vista, Alves (2000) corrobora:

Penso que, de tudo o que as escolas podem fazer com as crianças e os jovens, não há nada de importância maior que o ensino do prazer da leitura. Todos falam na importância de alfabetizar, saber transformar símbolos gráficos em palavras. Concordo. Mas isso não basta. É preciso que o ato de ler dê prazer (RUBEM ALVES, 2000, p. 61).

Portanto, a leitura vai acompanhar os alunos não só dentro dos muros da escola, mas por toda a vida. Por conseguinte, as estratégias de leitura aliadas ao letramento e alfabetização correspondem a importantes ferramentas para alcançar

tal objetivo, qual seja formar leitores críticos e autônomos capazes de compreender, inferir e levantar hipóteses durante o ato da leitura e, constatar ou não, as hipóteses.

ANALISE DE DADOS

Para a análise de dados foi elaborado um questionário e entrevistados 10 professoras, com idades entre 26 e 56 anos. O tempo de magistério variou entre 2 e 24 quatro anos. Cinco dentre as professoras têm até dez anos de experiência no magistério, enquanto 3 têm até 20 anos e as demais, mais de 20 até 24 anos. A Tabela 1 exhibe o perfil destes professores.

Tabela 1: Perfil dos respondentes

Perfil do Respondente			
	Idade	Gênero	Quanto tempo de Docência
P1	27	Feminino	5 Anos
P2	26	Feminino	2 Anos
P3	36	Feminino	8 Anos
P4	40	Feminino	5 Anos
P5	43	Feminino	10 Anos
P6	49	Feminino	21 Anos
P7	50	Feminino	20 Anos
P8	52	Feminino	22 Anos
P9	56	Feminino	24 Anos
P10	53	Feminino	16 Anos

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Com relação à questão 2 sobre as estratégias adotadas para o incentivo da leitura em sala de aula, 100% dos participantes (10 professores) afirmam estabelecer uma relação entre estas práticas e a construção do hábito da leitura e utilizam meios e estratégias para incentivar a leitura em sala de aula.

Na questão 3 sobre a importância da alfabetização e letramento para a formação de sujeitos leitores nos processos de alfabetização e letramento e a correlação destes com a leitura, bem como sua relevância para formação de sujeitos leitores, 100% dos participantes (10 professores) utilizam ambas as metodologias de forma simultânea.

Na questão 4. Com qual frequência durante a semana os alunos vão à biblioteca? As alternativas para esta questão foram organizadas da seguinte forma: a) Uma vez por semana; b) Duas vezes por semana; c) Três vezes por semana; d) Nenhuma vez. Sobre a frequência de atividades a leitura de livros que não sejam apenas didáticos, foram obtidos os seguintes dados 30% dos participantes (3 professores) utilizam a biblioteca duas vezes por semana enquanto que 70% dos participantes (7 professores) utilizam a biblioteca uma vez por semana.

Na questão 5 sobre a existência de projeto interdisciplinar desenvolvido na escola campo, 100% dos participantes (10 professores), afirmou participar do projeto em questão qual seja Janela Para a Vida.

Na questão 6 que abordou as contribuições da leitura para o desenvolvimento dos alunos foram obtidos os seguintes dados 100% dos participantes (10 professores), concordaram que a leitura é uma atividade que os auxilia no desenvolvimento pessoal, emocional e cognitivo dos discentes.

Na questão 7. Quais estratégias de intervenção são adotadas para casos de alunos que possuem dificuldades nos processos que envolvem a leitura (compreensão e interpretação de textos)? Percebeu-se que a intervenção para as dificuldades nos processos que envolvem a leitura, 90% dos participantes (9 professores), adotam medidas para auxiliar os alunos em seu desenvolvimento, mediante tais dificuldades enquanto que 10% (1 professor) preferiu não opinar.

Nesse cenário foi possível perceber que há dificuldades nos processos de intervenção, bem como a falta de apoio em vários outros aspectos que envolvem os alunos. Coaduna-se com Kleiman que “As condições de trabalho na escola não favorecem muito a diversidade no tratamento do texto: as bibliotecas são escassas, as classes numerosas e até o acesso ao livro didático é limitado” (2005, p.98). Solé (1998, p.23) também adverte que “A aprendizagem da leitura e de estratégias adequadas para compreender os textos requer uma intervenção explicitamente dirigida a essa aquisição”. A situação explicitada pelos autores evidencia que o professor deve mediar e buscar estratégias para os discentes que se encontram com dificuldades nos processos de leitura, compreensão e interpretação. Na pesquisa, apenas o professor P3 não opinou, enquanto todos os demais admitem adotar medidas de intervenção para auxiliar os alunos em seu desenvolvimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa possibilitou uma análise das contribuições da leitura no processo de alfabetização e letramento nos anos iniciais da educação básica – que é, exatamente, o objetivo geral predefinido. Os primeiros anos escolares são cruciais no processo de ensino/aprendizagem, sobretudo quando se trata de aprender a ler, compreendendo e empregando a leitura com relativo poder crítico e argumentativo.

A evolução histórica da escrita constitui um legado para os professores alfabetizadores que, com base no conhecimento científico sobre o assunto, passam a entender o processo de alfabetização. Além disso, a formação do leitor proficiente nos anos iniciais culmina com as habilidades de compreensão e aplicabilidade da leitura e da escrita de modo que o sujeito leitor consiga ler, entender, informar, informar-se, transformar informação em conhecimento e se sobressair no atual contexto cultural com relativo domínio da leitura e da escrita – ao que se denomina de letramento.

Embora essas habilidades estejam, nos alunos de anos iniciais, ainda em estágio inicial, esse segmento da educação representa a etapa fundamental e, por conseguinte, de grande relevância no que se refere à leitura e escrita, tendo em vista que o êxito nos demais segmentos depende de uma base solidificada – os anos iniciais.

Acrescente-se que, para formar leitores competentes, quem compreendem e argumentam a partir da leitura, faz-se necessário a prática constante da leitura e escrita com caráter crítico desde os primeiros anos escolares. Nesse contexto, a prática da leitura criteriosa, com caráter analítico e crítico, representa um hábito favorável a todas as disciplinas, como forma de ampliar o exercício da leitura. Mais

do que isso, a diversidade de gêneros textuais concorre para o enriquecimento cultural do aluno, dando-lhe condições de usar a leitura e a escrita para diferentes fins.

A aprendizagem, contudo, requer procedimentos que a favoreçam e, na leitura e escrita, algumas estratégias são adotadas com o intuito de promoção da competência do leitor proficiente. A leitura com visão abrangente relacionada à estrutura do texto, ao contexto no qual o autor produziu, a justificativa entre outras, constituem estratégias de leitura, tanto quanto, questionamentos implícitos relacionados à ideia explorada no texto, o aprendizado que dele se infere, o gênero literário entre outros. Essas estratégias proporcionam condições gradativas favoráveis à compreensão e à autonomia para interpretação textual e aplicabilidade dos conhecimentos adquiridos.

Desse modo, as metas desta pesquisa foram exitosas principalmente quando somadas à pesquisa de campo que possibilitou responder à pergunta norteadora. A leitura, no processo de alfabetização e letramento, contribui para a formação de leitores mais conscientes, capazes de compreender e interpretar as ideias contidas no texto e, conseqüentemente, produzir textos mais elaborados, bem como, desenvolver senso argumentativo, dentro da capacidade cognitiva esperada para as etapas dos anos iniciais.

Dada à importância desse tema – que é ampla a possibilidade de exploração – sugere-se novas investigações, dessa vez, uma pesquisa empírica, se possível, com grupo de controle a fim de constatar hipóteses relacionadas à aquisição de habilidades argumentativas no processo de alfabetização e letramento. Isso porque, ao se mencionar o senso argumentativo, trata-se de uma condição subjetiva, difícil de avaliar por recursos meramente superficiais. Óbvio que esta proposta se trata de uma pesquisa mais complexa e, portanto, ousada. Mas, com certeza, trará grandes contribuições para o meio acadêmico, sobretudo para os professores alfabetizadores.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. “Por uma arte de contar histórias”. In: **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. SP: Scipione, 1997.
- ALVES, Rubem. **Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2000.
- BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. 7 ed. São Paulo: Ática, 2010.
- BLOCO INICIAL DE ALFABETIZAÇÃO – BIA. **Diretrizes pedagógicas do Bloco Inicial de Alfabetização**. 2. ed. rev. Brasília: Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, 2012.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1999.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & linguística**. 10. ed. São Paulo: Scipione, 2002.
- CANDIDO, Antônio. Direitos humanos e literatura. In: FESTER, A.C. Ribeiro e outros [falta o título da obra, em **negrito**]. São Paulo: Brasiliense, 1989.

DUKE, N. K.; PEARSON, D. P. **Práticas efetivas para o desenvolvimento de compreensão de leitura.** Newark: [S/I], 2002.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1988.

FERREIRO, Emília. **Alfabetização em processo.** São Paulo: Cortez, 1996.

_____. **Com todas as letras.** São Paulo: Cortez, 1999.

_____; GOMES Margarita. **Os processos de leitura e escrita: novas perspectivas:** Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

_____; TEBEROSKY, Ana. **A psicogênese da língua escrita.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FISCHER, J. **Sugestões para o desenvolvimento do trabalho pedagógico.** Timbó: Tipotil, 1997.

FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de ler: em três artigos que se completam.** 29. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

_____; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREITAS, M. T de A. **Janela sobre a utopia: computador e internet a partir do olhar da abordagem histórico-cultural.** 2008. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT16-5857--Int.pdf>. Acesso em: 10/04/2019.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2002.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA – INEP. **Resultados da ANA 2016 por estados e municípios estão disponíveis no Painel Educacional do Inep.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/outubro-2017-pdf/75181-resultados-ana-2016-pdf/file>. Acesso em: 8 maio 2019.

KLEIMAN, Ângela B. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita.** Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995 (Coleção Letramento, educação e sociedade).

KLEIMAN, Ângela B.; MORAES, Silvia E. **Leitura e interdisciplinaridade: tecendo rede nos projetos da escola.** Campinas, SP: Mercado das Letras, 1999 (Coleção Ideias sobre Linguagem).

LAJOLO, Marisa. **A formação do leitor no Brasil.** São Paulo: Ática, 1996.

LAJOLO, Marisa. **Metodologia do trabalho científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório publicações e trabalhos científicos. São Paulo: Atlas, 2001.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

LOURENÇO FILHO, M. **O ensino e a biblioteca**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946.

MORAIS, Artur Gomes de; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. Alfabetização e letramento. **Construir Notícias**, Recife, PE, v. 07 n.37, p. 5-29, nov/dez, 2007.

OLIVEIRA, Cláudio Henrique. QUEIROZ, Cristina Maria de. **Leitura em sala de aula**: a formação de leitores proficientes. Rio Grande do Norte, 2009. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/leitura-em-sala-de-aula-a-formacao-de-leitores-proficientes/18067/> Acesso em: 10 maio 2019.

ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SILVA, Vicente Rodrigues da. A hora do conto na biblioteca escolar: uma proposta de incentivo à leitura. In: VIANNA, Márcia Milton; CAMPELLO, Bernadete; MOURA, Victor Hugo Vieira. **Biblioteca escolar**: espaço de ação pedagógica. Belo Horizonte: EB/UFMG, 1999. p. 175-177

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUZA, Renata Junqueira de. **Leitura do professor, leitura do aluno**: processos de formação continuada. Presidente Prudente: UNESP, 1992.

ZIRALDO Alves Pinto. A escola não está preparada para a mágica da leitura. **Nova Escola**, São Paulo, abr., 1988, n. 25, p. 26-29.